CARVALHO, Ana Claudia Moraes. **Ah! Ela é guerreira, Rosinha bebedeira…e ainda é mulher faceira[1]!** Belém: Universidade Federal do Pará. PPGARTES/UFPA; Doutorado em Artes; Orientadora Giselle Guilhon. Bolsista CAPES. Atriz.

RESUMO: Este trabalho apresenta a mitologia da Entidade Rosinha Malandra através dos pontos cantados e da tradição oral da Umbanda. Retrata, com isso, uma etapa da pesquisa de doutorado em Artes, em andamento, sob a base epistemológica da Etnocenologia, disciplina que sofreu, em seu fundamento, influência do etnomusicólogo John Blacking, no que se refere as PCHEOS – Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados. O artigo também salienta a reflexão sobre o lugar do CORPO como experiência social e coletiva e adensa essa discussão com as conexões artísticas do *corpo-cena*, noção de corpo elaborada por mim para a produção de uma poética a partir da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Etnocenologia, Corpo, Rosinha Malandra, Umbanda.

ABSTRACT: The present study treats the mythology of the Rosinha Malandra Entity through the investigation of the hymns and the oral tradition of Umbanda. The article reports on a PhD research in Arts, in progress, based on the epistemology of Ethnocenology, a discipline that was influenced by the ethnomusicologist John Blacking on the basis of the PCHEOS – Organized Spectacular Practices and Human Behaviors. This text also highlights the reflection on the place of the BODY as a social and collective experience and deepens this discussion with the artistic connections of the body-scene, the notion of body elaborated by me for the production of a poetics from the research.

KEYWORDS: Ethnocenology, Body, Rosinha Malandra, Umbanda.

> Deus transcende a toda cultura, Deus é Deus no seu mistério, mas ele é captado numa determinada cultura ou por muitas culturas. E, nesse sentido, Deus não tem religião.
>
> Padre Medoro O. S. Neto

1. Dona Rosinha Malandra – irreverência, mitologia e empoderamento.

A primeira vez que ouvi um ponto cantado foi na casa de Umbanda de Pai Luciano Teixeira, Terreiro da Cabocla Herondina, em Benevides/Pa. Fiquei muito excitada porque as letras, cantadas em português, facilitavam minha interação com a comunidade a qual estava inserida naquele momento. Era uma época em que não imaginava que um dia pesquisaria um ritual de Umbanda. As músicas eram estimulantes, empolgantes, brasileiras e o tambor soava forte. Os pontos cantados são *fundamento* da Umbanda (BARBOSA JÚNIOR, 2014), são as invocações

[1] Trecho de ponto cantado de Pombagira.

falangistas[2] para cada momento em que o ritual acontece. Eles traduzem a cosmologia dessa religião de forma autenticamente brasileira. Entre as pesquisas sobre Candomblé, que realizei no mestrado, e as pesquisas sobre Umbanda, que realizo no doutorado em Artes, ambos pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Pará – PPGARTES, observei que a Umbanda apresenta uma acessibilidade maior para a comunidade que a frequenta, pela forma como organiza seu ritual, e os pontos cantados são formas rituais dessa organização.

Maior acessibilidade porque os pontos, na Umbanda, são cantados em português brasileiro, aproximando a comunidade do ritual. No Candomblé-ketu, por exemplo, os orikis, como são chamados seus cantos e suas poesias, são cantados em iorubá, são belos e profundos, mas incompreensíveis para os que não dominam os ensinamentos. Os orikis, mesmo assim, não deixam de nos aproximar espiritualmente. O envolvimento pelas melodias, o ritmo forte tocado por seus tambores é agregador. Contudo, quando tive o primeiro contato com a Umbanda, pelos pontos cantados e tocados, na compreensão mental sobre os ensinamentos a partir de suas letras, foi algo muito significativo na perspectiva que trago aqui, uma *umbanda-brasileira-amazônica,* promovendo uma discussão capaz de lançar um olhar diferenciado sob a construção etnocenológica de meu pensamento.

A Etnocenologia é a disciplina que embasa epistemo-metodologicamente minha pesquisa de doutoramento, sobre uma Entidade de Esquerda[3] da Umbanda, Dona Rosinha Malandra. Essa entidade está na linha dos Exus e Pombagiras, junto de outros Povos de Rua, como são chamados. Além disso, a Etnocenologia, ancorada em três grandes pilares epistemológicos – Artes do Espetáculo, Ritos Espetaculares e Papéis Sociais, dialoga com outras disciplinas correlatas a ela e que muito contribuem com suas reflexões. A disciplina investiga os movimentos humanos como Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados – PCHEOS, inspirada na análise realizada por John Blacking, etnomusicólogo que estudou a

[2] A Umbanda compreende várias falanges/linhas que a formam. As falanges são matrizes advindas de várias outras cosmovisões como o cristianismo, africanismo, pajelança, espiritismo kardecista, orientalismo entre linhas ciganas e outros.

[3] Na Umbanda, as Entidades estão subdivididas em Linha da Direita (pretos-velhos, caboclos, pajelança, erês) e Linha da Esquerda (Exus, Pombagiras, Malandros, Ciganos).

música VENDA[4]. Para criar a noção de PCHEOS, a Etnocenologia se baseou nos estudos da Etnomusicologia de Blacking, que afirmava a música ser um "som humanamente organizado". Para ele, as pesquisas etnomusicológicas fariam uma revolução nos estudos sobre música do mundo e da educação musical, além de apresentar novas possibilidades alheias ao eurocentrismo.

> A música venda é francamente política, porquanto se a executa em diversos contextos políticos e, com frequência, com fins políticos específicos. Também é política porque pode envolver as pessoas numa experiência comum marcante, dentro do âmbito de sua experiência cultural, tornando-as, portanto, mais conscientes de si mesmas e de suas responsabilidades umas para com as outras. "Muthu ndi muthu nga vhanwe", dizem os venda: "O homem é homem graças às suas ligações com outros homens". A música venda não é uma fuga da realidade; é uma aventura na realidade, a realidade do mundo do espírito. É uma experiência do devir, na qual a consciência individual se alimenta da consciência coletiva da comunidade, e assim se torna fonte de formas culturais mais ricas. (BLACKING, 1976, p. 21).

Assim como a música Venda, os pontos cantados umbandistas também são políticos, porque se estruturam na perspectiva da coletividade, produzidos enquanto experiência ancestral e cultural, importante para a consciência da comunidade e para seu empoderamento. Blacking, em análise etnomusicológica, afirma que algumas conceituações e classificações, como erudito e folclórico, por exemplo, são inventadas pelo etnocentrismo e são incabíveis nas reflexões das Etnociências. Grandes contribuições ganhamos com a consolidação da Etnomusicologia e de suas reflexões sobre a música e suas relações sociais.

Do texto escrito por Blacking, para relatar suas análises de 12 anos de pesquisa, retiro algo que marca simbolicamente minha investigação na *Umbanda-brasileira-amazônica*: o lugar do CORPO como experiência social e coletiva. E, enquanto etnoartista-pesquisadora, atribuo também à experiência artística. "Muitos dos processos essenciais da música, se não todos, podem ser encontrados na constituição do corpo humano, e nos padrões de interação de corpos humanos em sociedade" (BLACKING, 1976, p. 2-3), e sobre essa interação de corpos em sociedade realizo minha pesquisa, produzindo, a partir dela, conexões artísticas em meu *corpo-cena*[5].

---

[4] Estudo realizado por J. Blacking sobre a música dos Venda, da África do Sul.

[5] Noção de corpo atribuída ao corpo artístico enquanto corpo na pesquisa e corpo como pesquisa em processo de criação.

Os pontos cantados apresentam a cosmovisão das falanges que a compõem. Abaixo apresento alguns desses, da Linha da Esquerda, especialmente os que são cantados para as entidades femininas:

"Todos preparados pro show do terreiro? A roupa? A bebida? É feeeesta povo!"[6] (Dona Rosinha Malandra)

Laroyê Exu[7]*!!*

Ponto de Abertura:

Santo Antônio de batalha, faz de mim batalhador!
Santo Antônio de batalha, faz de mim batalhador!
Corre e Gira Pomba Gira,Tranca Rua e Marabo
Corre e Gira Pomba Gira,Tranca Rua e Marabo

Ponto de Pombagira:

Arreda homem, vai entrar mulher!
Arreda homem, vai entrar mulher!
Ela é pombojira, rainha de candomblé!
Ela é pombojira, rainha de candomblé!
Exu veio na frente pra dizer quem ela é!
Exu veio na frente pra dizer quem ela é!
Ela é pombojira, rainha de candomblé!
Ela é pombojira, rainha de candomblé!

Salve as Pomborijas![8]

Andava pelas ruas, já sem saber o que fazer.
Procurava, na noite, uma solução pra tanta dor, sofrimento, solidão.
Então, eu clamei ao povo da rua, que me enviassem no momento alguma ajuda, pois eu já não tinha forças pra continuar!
Quando me virei, vi uma mulher, à beira da estrada, trazia uma rosa em sua mão,

[6] Trecho do áudio do ritual a Ogum, em 11.03.2017. Terreiro da Cabocla Herundina e Dona Rosinha Malandra. Icoaraci/Pa.
[7] Saudação à Entidade Exu e ao Povo de Rua.
[8] Títulos dados por mim aos pontos.

um feitiço no olhar!

Naquela mesma noite de luar, vislumbrei sua dança com sua saia a rodar. Eu me aproximei e lhe perguntei o que ela fazia na estrada. Ela respondeu: moço, sou Rainha, vim lhe ajudar, sou Maria Padilha!

Salve as pombojiras! Salve as pombojiras!

Salve Malandra Rosinha! Salve Malandra Rosinha[9]!

Não analisarei aqui a "performance" musical das pessoas que tocam e cantam os pontos, mas a importância desses pontos nos rituais e a reverberação que eles tiveram em mim, principalmente em meus primeiros contatos com eles. Como a pesquisa está em andamento, estou catalogando os pontos dos rituais que assisto no terreiro de Dona Rosinha Malandra. Entretanto, nos primeiros contatos com a comunidade, me senti impactada por não ter conhecimento da organização ritualística e espetacular das Entidades de Esquerda. Os rituais de Esquerda apresentam uma organização não compreensível aos valores embasados no cristianismo. Nesses rituais não há o sentimento de contrição, porque não há a noção de pecado cristão. Encontraremos bebidas, risadas, gritos, sarcasmos, cigarros e pontos cantados que revelam uma mitologia transgressora, sob o viés da normatividade social:

Pombagira Sete Maridos

Pombagira é mulher de sete maridos!

Pombagira é mulher de sete maridos!

Mas, não mexa com ela! Pombagira é um perigo!

Mas, não mexa com ela! Pombagira é um perigo!

Ela é pombagira, a rainha da encruzilhada!

Que enfrenta seus inimigos com uma forte gargalhada!

A relação entre as pessoas da comunidade, tanto para quem realiza o fenômeno, quanto para quem o assiste, é assunto analisado por Seeger (1991), no qual interação, efeitos físicos e psicológicos, comunicação, satisfação, prazer e êxtase causam novas experiências e geram tradição. Seeger também nos alerta sobre a ampliação de nossas perspectivas enquanto pesquisadores sobre o fenômeno, para

[9] Grifo da autora.

que essas perspectivas sejam expandidas, valorizando a sabedoria local, aspecto caro, também para a Etnocenologia.

A Entidade Rosinha Malandra está inserida na falange de Exus e Pombagiras, no grupo do Povo de Rua. Apresenta uma trágica história de vida, como a maioria das entidades dessa linha. Dona Rosinha Malandra, fenômeno que estudo, incorpora em uma mãe de santo transgênero, chamada Rosa Luyara, que assim como sua entidade, sofre, até hoje, situações de preconceito e não aceitação pela sociedade. Ligiéro (2010), escreve sobre a energia que emana das entidades femininas da Esquerda:

> Mesmo guardando tantas diferenças entre si, as pombas-gira incorporam o mesmo tipo de energia telúrica sensual, com forte ligação com o mundo dos mortos e os cemitérios, mas também com as coisas materiais, a vida amorosa nos mais ardentes momentos. (p. 130).

Dona Rosinha Malandra compartilha da energia sensual atribuída às pombagiras, se apresenta com cores vibrantes em tons de vermelho, sua saia está sempre presa à cintura, deixando à mostra uma das pernas. Usa sempre uma rosa nos cabelos, às vezes, um chapéu como o de Zé Pelintra[10], seu amante, e deixa de forma insinuante um pouco da auréola do seio também à mostra, como marca de seu arquétipo. Está sempre bem maquiada e perfumada. A festa, a alegria e descontração são próprias das giras da Linha de Esquerda, herdadas das matrizes africanas do Axé de *Exu Alayo*, *senhor do saber da alegria* (MARINHO, 2010). Apesar de uma aparentemente submissão feminina, típica das mulheres da zona, de cabaré, da noite, as pombojiras e malandras estão longe de serem submissas, se apresentam como mulheres sábias e envolventes, donas dos destinos, guardiãs de encruzilhadas.

2. Rosinha, a estética marginal do sagrado feminino.

A primeira vez que vi Dona Rosinha Malandra foi na gira em homenagem à Santa Sarah Kali, no terreiro de Mãe Monise, também em Icoaraci. E lá ouvi, ineditamente, o ponto que se canta para ciganas e para Rosinha Malandra:

Eh, abre a roda, deixa a Rosinha trabalhar!

[10] Entidade com arquétipo de Malandro, também da Linha da Esquerda.

Eh, abre a roda, deixa a Rosinha trabalhar!
Pois, ela tem o peito de aço, o peito de aço
e um coração de sabiá!

O ponto que apresentei acima traz em sua letra e melodia suavidade e força. Dona Rosinha Malandra, incorporada em Rosa Luyara, é altiva e empoderada em sua casa, traduzindo uma relação entre cavalo e entidade, que chamo de *corpo-cavalo*[11]*-TRANSvestido.* Há neste corpo uma relação cósmica e intransferível entre cavalo e entidade, uma relação indissociável entre corpo-carne, corpo-divindade, corpo-social. Pelo *corpo-cavalo-TRANSvestido*, Rosa Luyara, um cavalo TRANS, se liberta das convenções sociais e Dona Rosinha Malandra viabiliza uma condição, como assentimento sagrado, de fortalecimento da comunidade como referência a uma discussão política transgressora que envolve ancestralidade, liberdade de expressão e essência humana.

Fotografia 1: Dona Rosinha Malandra sendo reverenciada na comunidade. Gira de Ogum. Icoaraci/PA. Março/2017.



Fonte: Aninha Moraes.

Esta condição TRANS de Rosa Luyara traz a energia diferenciada para o espaço sagrado do terreiro, de quem luta diariamente por respeito e dignidade. Rosa

[11] Cavalo é o nome dado ao médium que incorpora uma entidade na Umbanda. Chamam-se de cavalo porque as entidades o cavalgam, segundo a tradição umbandista.

possui uma história de vida igual a de dezenas de pessoas transgêneras, que vivem um comportamento desviante dos padrões sociais, comportamento que lhes custa, às vezes, a própria vida. Em bate-papo etnocenográfico[12] com Rosa Luyara, ouvi uma longa trajetória de seus bem vividos 34 anos, vida costurada com preconceitos e discriminações, inclusive no campo religioso, um etnocentrismo produzido dentro desses próprios grupos. Laraia (2005) escreveu sobre como os comportamentos desviantes são recepcionados por uma fabricação cultural na sociedade etnocêntrica:

> A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isto, discriminamos o comportamento desviante. Até recentemente, por exemplo, o homossexual corria o risco de agressões físicas quando era identificado numa via pública e ainda é objeto depreciativo. Tal fato representa um tipo de comportamento padronizado por um sistema cultural. (p. 67-68).

A herança cultural citada por Laraia representa, em nossa sociedade, uma herança machista e conservadora que é difundida e reelaborada na contemporaneidade. A Umbanda produzida por uma Mãe de Santo TRANS, cabocla, periférica e amazônica, traz consigo uma potência investigativa de teor religioso, humano, social e espetacular, e de uma eminente produção epistemológica.

Na casa de Rosa Luyara, escutei outra versão do ponto de Dona Rosinha Malandra:

Juraram de matar essa rolinha,
Juraram de matar essa mulher!
Mas ela tem o peito de aço, o peito de aço
e um coração de sabiá!

Eh, abre a roda, deixa a Rosinha trabalhar!
Eh, abre a roda, deixa a Rosinha trabalhar!

Pois, ela tem o peito de aço, o peito de aço
e um coração de sabiá!

[12] Procedimento metodológico de perspectiva etnocenológica, que recolhe, de forma aberta, informações sobre o fenômeno e apresenta uma metodologia que se desenvolve de acordo com a pesquisa e os caminhos que esta trilha.

A nova audição do ponto de Dona Rosinha Malandra introduz a mitologia da entidade contada por seu cavalo Rosa Luyara. A mitologia de Rosinha Malandra não é encontrada em livros, ela é propagada pela tradição oral durante toda a existência de sua materialidade terrena. Percebo que podemos encontrar a base organizacional e ritualista da Umbanda nos livros, mas sua complexidade e diversidade, não são alcançadas por eles. Rosa Luyara relata a mitologia de Dona Rosinha em um de nossos encontros[13]:

> Eu comecei a criar ela. Eu comecei a saber dela, pela própria intuição dela mesma, ela falando aqui com as pessoas. Eu tinha uma imagem dela pela minha mãe de santo (…). Até hoje eu tô trabalhando com ela (...). Hoje em dia ela é bem conhecida, é uma caboca muito espalhafatosa, muito alegre, muito divertida, muito, assim, carismática (...). Por onde eu soube, assim, da história dela, que ela conta (…) por volta de quando ela tinha oito anos, nove anos, os pais dela doaram ela prum casal (…). O casal não podia ter filhos e adotaram ela. Acho que uns dez anos adotaram ela e levaram ela pro Rio (...). Mas, quando ela chegou com quatorze anos, ela caiu doente. Eu não sei qual era a época, eu sei que ela caiu doente (...). O caso dela tinha que ser algo bem específico. E tinha esse doutor, que o pessoal falava que tinha esse curandeiro, que era Seu Zé Pelintra. Na época já era Seu Zé Pelintra. Aí ele foi lá na casa e viu que ela tava mesmo doente, não reagia em nada... quatorze anos, (…). Ele pediu pra ele levar ela lá pra onde ele morava - eu não sei se era morro - pra ela passar setes dias lá... com sete dias ele trazia ela, curada. Aí foi que eles foram tudo. Passou sete dias, quatorze, vinte e um dias, e os pais foram atrás perguntar o que que tava acontecendo, porque ela não voltou mais (…). Foi que ela disse que estava apaixonada por ele, que ela tava curada, mas que ela não voltaria mais, que ela ia ficar com ele, que ela ia casar com ele, que ela ia ficar com Seu Zé Pelintra (…). Ela era aquela mulher, assim, que só vivia pra ele, e ele sempre na malandragem dele, nas coisas dele, que ele fazia por aí, nas andanças dele. E aquilo foi agoniando ela. Ela achava que ela ia perder ele através disso, entendeu? Aí, ela começou... ela começou a fazer a mesma coisa que ele fazia, tipo: andar em festa. Começava ir com ele pros jogos, acompanhar ele, foi se criando junto com ele como uma malandra. Então, como ela tava lá fazendo essas coisas com ele e tudo, ela se achava na missão de ajudar o morro onde ela morava, como ela era conhecida a Rosinha do Morro, porque ela ajudava a comunidade onde ela morava, ajudava Seu Zé Pelintra no jogo, na sorte, tudo. E ela começou também a conhecer a bebida, conhecer as farras, (…) começar a ir pro cabaré, começar pegar joias, ganhar joias. Então, ela ajudava na comunidade dela (…). Foi que, numa dessas vezes, um homem se apaixonou por ela. Numa dessas andanças de cabaré dela, teve um rapaz que se apaixonou por ela, mas ela não queria nada na época. As prostitutas, elas eram diferentes, eram mais uma dama de companhia... o homem chegar, cortejar e ficar tomando uma bebida, (...) uma joia, não era o ato do sexo, era a companhia. O rapaz se apaixonou e começou a perseguir ela. Nesse período também tinha uma mulher que era apaixonada pelo Seu Zé Pelintra (…). Esse rapaz e essa mulher se conheceram e armaram pra eles. Numa dessas vez, eles tavam lá (…). Ela se arrumou muito bonita. Ele também se arrumou todo elegante pra poder sair com ela. Saíram os dois junto. Quando foi, por volta da meia noite, eles estavam na porta do cabaré, foi que um matou ele à facada e o homem matou ela com uma punhalada... o homem atravessou o peito dela com o punhal. O homem matou ela e a mulher matou ele, bem na porta do cabaré. Conforme o tempo, ela fala que foi se espiritualizando, se materializando (eu não sei como é esse processo de se materializar conforme o tempo)... foi que se tornaram como malandro conhecidos, como eguns, que foi espíritos que desencarnaram mesmo, que viveram, porque ela é conhecida como uma egum,

[13] Etnocenografia concedida em 21.03.2017.

> uma egum de luz, como falam, pelas obras que ela fazia, por ele já ter sido doutor, por ter sido uma pessoa que teve um processo muito bom em terra, que eles viveram o amor mesmo, carnalmente, eles viveram esse amor. Mas, esse amor que tem pra ajudar as pessoas, que tem pra fazer a cura dele, ela aprendeu a cantar, a dançar tudo que uma moça fina fazia. Ela aprendeu tudo. Foi que ela se desencarnou…

Este registro mitológico de Dona Rosinha Malandra é muito importante para este estudo etnocenológico e para toda a comunidade umbandista, especialmente, para a comunidade do terreiro liderado por Rosa Luyara. Traz um conteúdo histórico sobre a vida terrena de uma entidade considerada *Egum* de luz. Além disso, apresenta um valor de documento histórico por seu ineditismo. Rosa Luyara relata que essas histórias são transmitidas pela própria Dona Rosinha. Rosa Luyara sabe e sente que são verdadeiras.

De grande valia é compreendermos que existem *Umbandas*, assim como também existem Candomblés, por haver uma peculiaridade adotada pelas casas. Defendo, pela *diversidade diversa* (PAES LOUREIRO, 2008) amazônica, que a Umbanda de nossa região é diferenciada por sua condição *cabocla-mestiça*. Assim sendo, cada terreiro umbandista-brasileiro-amazônico apresenta uma organização particular. Mãe Rosa Luyara ratifica essa condição quando revela que a Umbanda de sua casa é ela quem faz. Sob este olhar, observo que em seu terreiro, o quarto de Exu, que em muitas casas é um segredo fechado, literalmente às chaves, em sua casa, é aberto, exposto para quem quiser apreciá-lo.

O corpo representa um espaço de investigações e de fértil poder epistemológico. O corpo como espaço físico, emocional, o *corpo como espaço sagrado* (LIGIÉRO, 2011), são observações realizadas nesse estudo. O corpo de Dona Rosinha Malandra e o *corpo-cavalo* de Rosa Luyara promovem uma conexão cósmica entre sagrado e profano, como noções indissociáveis no campo espiritual, especialmente, no do Povo de Rua. Ligiéro (2011), ilustra bem essa relação nos rituais de Esquerda:

> Adaptado à vida de cada povo de Rua, as cenas lúdicas são um perfeito equilíbrio entre jogo e o ritual, todas as festas decoradas com flores, comida temperada com sabores regionais, regada com *cocktails* - onde não pode faltar cachaça ou, ainda, uma boa quantidade de garrafas de cervejas geladas. Durante o ritual/festa, todas as entidades, dançam, exus e pombagiras brincam, conversam muito, falam mal uma das outras e também advinham coisas pessoais da plateia, dando conselhos sobre amor, dinheiro e sexo. Não há coisas diabólicas entre elas – ponto de vista oposto de pessoas que não conhecem e imaginam as cenas impregnadas de adoração satânica, imaginam orgias

diabólicas onde realmente existe confraternização. (p. 249).

Minha visão preconceituosa, relatada no início deste texto, com relação ao ritual de Umbanda, sinaliza a visão da maioria das pessoas, alheia a essa religião. Agradeço à Rosa Luyara e à Dona Rosinha Malandra a oportunidade de crescer com elas. Oportunidade que propago, em campo expandido, para novos olhares sobre fenômenos religiosos, sociais, artísticos e políticos em nossa sociedade. “O discurso acadêmico nas Artes, nas Humanidades e nas Ciências Sociais passou por uma transformação radical, no final do século vinte – o pós-modernismo varreu da Academia antigas certezas de hierarquias epistemológicas e políticas” (BUCKLAND apud CAMARGO, 2013, p. 145), fato que engrandece as pesquisas sociais, antropológicas, etnocenológicas, especialmente no campo artístico, sobre questões atuais que proporcionam relações de autopoieses na arte e na vida.

Laroyê Exu!

Referências Bibliográficas

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. **O livro essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

BLACKING, John. Humanly Organized Sound. In: **How musical is man?** 6. ed. Seattle: University of Washington Press, 2000. p. 3-31.

BUCKLAND, Theresa Jill. Mudança de Perspectiva na Etnografia da Dança. In: CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes (Org.). **Antropologia da Dança I**. Florianópolis: Insular, 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo**: estudo das Performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

_____. **Malandro Divino**: a vida e a lenda de Zé Pelintra, personagem mítico da Lapa carioca. Rio de Janeiro: Nova Era, 2010.

MARINHO, Roberval F. O Imaginário Mitológico na Religião dos Orixás – Um estudo da dinâmica da comunicação e da arte no sistema cultural nagô. In: BARRETTI FILHO, Aulo (Org.). **Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu**. Origens, tradições e continuidade. São Paulo: EdUSP, 2010.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **A arte como encantaria da linguagem**. Belém: Editora Universitária/UFPA, 2008. p. 01.

SEEGER, Anthony. Etnografia da música. Tradução de Giovanni Cirino. In: **Sinais diacríticos**: música, sons e significados, Revista do Núcleo de Estudos de Som e Música em Antropologia da FFLCH/USP, n. 1, 2004.